

Apresentação do Dossiê

Quando a mulher era Deus: o sagrado e o feminino na Antiguidade

Arte de esquecer, arte de lembrar

*Que as mulheres ajudem ao meu canto,
Elas que um dia em Tebas auxiliaram na construção de Anfion,
Para que não se distingam coisa e palavra.
(Dante Alighieri, Inferno, Canto XXXII, 10-12).*

A proposta deste Dossiê, *Quando a mulher era Deus: o sagrado e o feminino na Antiguidade*, é a de recuperar a memória e a importância do feminino no universo do sagrado em diversas culturas. Como ocorre na maioria das metáforas sobre o esquecimento, a figura feminina ocupa paisagens e locais ermos, arenosos, nos quais o vento dissolve as pegadas e o silêncio e a dispersão são a tônica. Retomar os fragmentos perdidos da lembrança dessas presenças silenciadas ao longo de muitos séculos é o foco das autoras e dos autores aqui reunidos.

Harald Weinrich, em *Lete. Arte e Crítica do esquecimento* (2001), nos aponta que toda lembrança implica em uma tensão psíquica, na qual a verdade (*alethéia*) se opõe ao esquecimento (*lethe*¹). A verdade, sob esse ponto de vista, mais que simplesmente “algo a ser lembrado”, *A-Lethe*, indica aquilo que não deve ser esquecido, ou que é inesquecível. A nuance dos significados e a oposição entre a deusa do esquecimento, Lete, da linhagem da Noite, e de Mnemósine (a Memória), da linhagem do Sol, trazem em si mesmas a noção de que o que é lembrado é verdadeiro e ocupa um lugar, um acento certo no espaço de convívio da cultura, ao passo que o que é relegado ao esquecimento não tem valor, não tem lugar e se caracteriza por um vagar, por uma escuridão, é noturno.

O que uma cultura se esforça por preservar na lembrança indica, ao mesmo tempo, o que ela deseja que seja esquecido. E assim foi ao longo de séculos, nas mais diferentes culturas da Antiguidade, a importância do feminino foi sendo apagada da história, enquanto o masculino ganhava a cada dia mais relevância. Porém, o pensar passa pelo corpo, bem como a lembrança e o esquecimento, e os cacos deixados junto à fonte Lete têm permitido a arqueólogos e arqueólogas, historiadores e historiadoras e muitos outros pesquisadores e, em particular, pesquisadoras, reconstruírem a lembrança. Neste sentido, cumpre destacar a importância dos feminismos e da crítica acadêmica feminista para trazer de volta essa memória necessária, fazendo emergir à luz, do fundo do esquecimento, aquilo que persiste em resistir à noite.

As deidades femininas estão na origem de grande parte dos panteões da Antiguidade. Seja ela Inanna, a deusa suméria do erotismo, fertilidade e da

¹ Lethe ou Lete é uma palavra grega que denomina o rio do esquecimento que circunda o Hades, mundo dos mortos, para onde todas as almas devem seguir após a morte. Mas também é uma deusa, Filha de Éris (a Discórdia). Lete dá nome ainda a uma fonte situada no Hades, de que os mortos bebiam para esquecer a sua vida terrena (GRIMAL, 2000).

guerra; seja Gea, deusa primordial grega, que gera o mundo e o ordena, tirando-o do caos primordial; seja Cibele, a *Magna Mater* de Roma, que também ordena o mundo, imprime autoridade e identidade a Roma; seja a Asherah hebraica, esposa de YHWH. Outro silenciamento é o da presença de sacerdotisas oficiando cultos; do porquê de alguns demônios femininos e sua ligação com a vida da comunidade; as santas mártires da igreja e seu sofrimento em nome do que acreditavam e adoravam. Todo esse conjunto de apagamentos mostra a submissão paulatina que as mulheres e as deusas sofreram em relação ao masculino. A memória, como forma feminina de transmitir as histórias das tribos, vai dando lugar ao aedo masculino, o enfoque da lembrança deixa de ser a vida e passa a ser a guerra, as batalhas, as mortes, os guerreiros e os deuses que os assistem.

Assim sendo, sob as camadas movediças do esquecimento, onde sopra o vento de Lete e se desfazem as pegadas de tantas presenças silenciadas, este dossiê se ergue como gesto de escavação e de escuta das fontes, atento aos fragmentos que ainda cintilam na margem da memória. E é nesse intervalo entre ruína e reminiscência que o feminino ressurgue não apenas como divindade primeira, mas como corpo ritual, voz oracular, gesto mágico que atravessa templos, procissões e narrativas, encarnado em sacerdotisas, sibilas, pitonisas e mesmo na ambiguidade dos cultores que borram as fronteiras do gênero, os *galli* de Cibele.

Ao reconstituir essas presenças, dispersas entre textos, artefatos e mitos, evidencia-se não apenas a centralidade outrora ocupada pelo feminino no sagrado, mas também o movimento histórico que o deslocou, substituindo a memória viva das comunidades, tecida na experiência, no cuidado e na continuidade, por uma narrativa, muitas vezes, dominada pela autoridade masculina. Ainda assim, nos interstícios do esquecimento, onde habita Mnemósine, persistem vestígios que recusam o silêncio e convocam, uma vez

mais, a lembrança.

Desejamos que esta leitura seja fértil em lembranças e encontros,

Semíramis Corsi Silva (INHIS/UFU)

Flávia Regina Marquetti (GPAH/UNICAMP)

Pedro Paulo A. Funari (IFCH/UNICAMP)

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. Inferno, Canto XXXII. Edição bilíngue: 3 Vol. Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2001.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WEINRICH, Harald. **Lete. Arte e crítica do esquecimento**. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.